

LITERATURA INFANTIL E INTERDISCIPLINARIDADE NA SALA DE AULA PRÉ-ESCOLAR¹

Iolanda Souza dos SANTOS²

RESUMO: Este artigo objetiva desenvolver uma reflexão sobre a possibilidade de realizar um trabalho interdisciplinar, com crianças pré-escolares, utilizando-se da Literatura Infantil sem transformá-la em um utilitário para desenvolver conteúdos. Reflete, também, sobre o desenvolvimento do gosto e do hábito da criança pela leitura, tornando-a uma atividade agradável e rotineira dentro e fora da sala de aula. O leitor encontrará, na primeira parte uma reflexão teórica caracterizando a concepção de infância desde tempos mais remotos, concepção de leitura, suas fases e concepção de interdisciplinaridade. Na segunda parte, idealizo um ambiente que propicie desenvolver o gosto e o hábito pela leitura e em seguida discuto a possibilidade de um trabalho interdisciplinar com o auxílio da literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Interdisciplinaridade; Gosto e hábito pela leitura

ABSTRACT: CHILDREN'S LITERATURE AND INTERDISCIPLINARY IN THE CLASSROOM PRESCHOOL

This article aims to develop a reflexion about the possibility to achieve an interdisciplinary work, with preschool children, making uses of Children's Literature without changing it into an utilitarian to develop contents. It considers, too, how to develop the pleasure and the habit of the child thru the reading becoming a pleasant and routine activity inside and outside the classroom. The reader finds, in the first part, a theoretical reflexion characterizing an infancy's conception since the most remote times, reading's conception, its phases and interdisciplinarity's conception. In the second part, I idealize an atmosphere that provides to develop the pleasure and the habit of reading and after I discuss the possibility of an interdisciplinary work with the help of Children's Literature.

KEY-WORDS: Children's Literature; Interdisciplinarity; Pleasant and Routine by Reading; Preschool

Como desenvolver um trabalho interdisciplinar a partir da Literatura Infantil sem torná-la um utilitário para desenvolver conteúdos em sala de aula? Como trabalhar a Literatura Infantil de forma agradável e prazerosa para que desperte na criança o gosto pela leitura e principalmente, adquira o hábito de ler?

Para trabalhar o saber acumulado pela humanidade, a escola, há muito tempo, foi organizada em séries e em diferentes matérias, disciplinas. Disseminou-se assim, um conhecimento fragmentado, muito acentuado com o avanço do capitalismo que visava ao

desenvolvimento parcial do indivíduo no saber e no trabalho, refletindo-se, também, no indivíduo como ser humano.

A ruptura com esse sujeito fragmentado surge com a necessidade de transformação para uma nova sociedade que visa substituí-lo por um *"indivíduo integralmente desenvolvido, para o qual as diferentes funções sociais não passariam de formas diferentes e sucessivas de sua atividade"* (Vasconcellos, 1997, p. 57).

Ainda de acordo com Vasconcellos (1997), a educação, nesta perspectiva, possui caráter de totalidade, podendo ser trabalhada a

¹ Este artigo originou-se de uma Proposta de Intervenção Pedagógica desenvolvida numa sala de educação pré-escolar da Rede Municipal de Ensino de Presidente Prudente - São Paulo. Fez parte do Projeto Fênix: mudança de paradigma para a formação inicial e continuada de educadores pré-escolares, que integrou interdisciplinarmente as disciplinas de Planejamento e Avaliação de atividades para pré-escolar, Metodologia do ensino pré-escolar e Prática do ensino pré-escolar ministrada pela professora Célia Maria Guimarães, da Habilitação para o Magistério Pré-Escolar do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Campus de Presidente Prudente, no decorrer do ano letivo de 1998.

² Discente da Habilitação em Magistério Pré-escolar - Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

partir da abordagem interdisciplinar que também visa a superação da fragmentação do conhecimento, o reducionismo, o mecanicismo recuperando-se, assim, o sentido do conhecimento e da escola.

A própria concepção de conhecimento implica totalidade, o que não significa conhecer tudo de tudo, tarefa irrealizável devido ao acúmulo de conhecimento existente hoje, mas é possível conhecer qualquer objeto que se deseja. Para tanto, é papel da escola e do educador, proporcionar aos educandos condições para que eles possam conhecer adequadamente, na essência determinados objetos do conhecimento que sejam mais relevantes, possibilitando-os a partir de então, vivenciar outras realidades, já que elas possuem certas estruturas básicas comuns.

Nos últimos tempos, em muitas escolas, educadores têm discutido a necessidade e a importância de se considerar e trabalhar a totalidade do sujeito, do objeto e do contexto do conhecimento. No entanto, articular um trabalho desse nível, em determinadas situações, é muito complexo, principalmente por ele contradizer as idéias e interesses da educação tradicional tão fortemente interiorizadas pela sociedade.

Muitos têm se comprometido com a educação na perspectiva da totalidade, ou seja, buscam desenvolver um trabalho a partir da abordagem interdisciplinar. Entretanto, o que tem ocorrido com frequência é um equívoco no entendimento do conceito de interdisciplinaridade. Entende-se muitas vezes que essa é a somatória de disciplinas e a entendem como sinônimo de polivalente, ou seja, um professor que deveria ser capaz de lecionar diferentes disciplinas. Esquecem-se, no entanto, que, existem as especificidades de cada uma e estas não podem se perder.

É verdade que em muitos momentos podem ocorrer a integração de diferentes áreas do conhecimento, *"mas não é ela que caracteriza a interdisciplinaridade e sim é uma atitude, uma postura que se dá na prática. É pois, uma categoria de ação"* (Warschaver, 1971, p. 71).

Ainda de acordo com Warschaver (1971), a atitude interdisciplinar caracteriza-se por uma abordagem não preconceituosa, na qual todo conhecimento é igualmente importante. Entende-se essa atitude como uma visão de mundo. Visão esta arraigada na necessidade do respeito pelo outro, na construção coletiva do conhecimento através do diálogo, resultando numa atitude tem na opinião crítica do outro o fundamento da opinião particular.

Uma vez tendo claro o conceito de interdisciplinaridade, que seu pilar básico é o trabalho coletivo e a cada novo trabalho o professor tem que recriar de acordo com as características particulares de cada grupo, torna-se possível pensarmos na concretização de um trabalho interdisciplinar a partir da literatura infantil com crianças pré-escolares (4 a 6 anos).

Portanto, para tratarmos de literatura infantil é interessante nos reportarmos aos séculos XVII e XVIII, época em que se produziram os primeiros livros para as crianças.

Nos séculos anteriores ao XVII, as crianças eram consideradas adultos em miniatura, porém mais frágeis e menos inteligentes. Isso ficou registrado através da arte, em que as crianças apareciam com vestimentas e atitudes tipicamente adultas.

Foi, no entanto, com o avanço do industrialismo, dos movimentos trabalhistas e, também, com a generalização do ensino elementar e obrigatório que no século XX a criança adquiriu status especial. Passou-se, portanto, a considerar a infância como etapa claramente diferenciado da idade adulta.

Por sua vez, contar história é a mais antiga das artes. Costumava-se contar e repetir histórias para guardar tradições. Por isso, hoje, cabe inclusive a nós, professores, propiciar às crianças o contato com a literatura infantil.

Segundo o "Projeto infância e criação cultural" (1992), a literatura infantil, os contos, as lendas enquanto manifestação da linguagem, resgatam o aspecto mágico da palavra, sua potencialidade geradora e transformadora, uma vez que é através da palavra que os homens se socializam e participam da vida em grupo.

As crianças, por sua vez, têm um mundo próprio, todo seu, povoado de sonhos e fantasias, mas vivem em nosso mundo e em eterno conflito entre esses dois mundos: o da realidade e o da fantasia, o da razão e o da imaginação. O grande papel da literatura infantil é justamente oferecer alimento para esse mundo da fantasia, ou seja, ela possibilita à criança navegar na aventura da criação.

Portanto, ao se contar ou ler uma história à criança, tem-se que ter em mente, que esta servirá para dar prazer a quem ouve e conta, incutir-lhe amor à beleza, desenvolver a imaginação, o poder da observação, o gosto artístico, ampliar-lhe a experiência e estabelecer uma íntima ligação entre o mundo da fantasia e o da realidade.

Existem histórias que devem ser contadas e outras que, se contadas, perdem um pouco de sua arte. Portanto, cabe ao professor escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la, considerando, também, as fases da literatura infantil que segundo Aguiar (1985) são as seguintes:

A **primeira fase** é a idade dos livros de gravuras e dos versos infantis (2 a 5 ou 6 anos). É uma fase egocêntrica. Acontece a separação entre o ego e o meio ambiente, que pode ser ajudada por livros de gravuras quando apresentam objetos simples, sozinhos, retirados do meio em que a criança vive.

A **segunda fase** é a idade do conto de fadas (5 a 8 ou 9 anos). Nesta fase a criança é suscetível à fantasia. Surge uma atração pelos contos de fadas que representam ambiente familiar.

A **terceira fase** é considerada a idade das histórias ambientais ou da leitura factual (9 a 12 anos). A criança ainda interessa-se pelos contos de fadas, mas anseia pelo aventuroso e já começa a descobrir o mundo real.

A **quarta fase** é a idade da história de aventura (de 12 a 14 ou 15 anos). Surge a consciência da própria personalidade e o pré-adolescente interessa-se por livros de aventuras, de viagem, romances sensacionais, histórias ordinárias e de um sentimentalismo barato.

A **quinta fase** é uma fase do egocentrismo crítico (de 14 a 17 anos). O interesse pela leitura está voltada para as aventuras de conteúdo mais intelectual, livros de viagem, romances históricos, biografias e histórias de amor, atualidades, material factual que se relacione com preferências vocacionais.

Apesar da diversidade de livros infantis existentes, é na escola que muitas vezes a criança tem o seu primeiro contato com o livro e é nela, também, que se pode observar atualmente

"a utilização da literatura como instrumento quase que único para o desenvolvimento da produção e compreensão de textos limitando as possibilidades de desenvolvimento da compreensão crítica. Decorre desse fato que a literatura deixa de ser objeto de apreciação e prazer tanto estético como intelectual, deixa de ser, inclusive, objeto de entretenimento tomando-se alvo de antipatia do aluno devido ao modo como é apresentada e aos objetivos que vem visando cumprir."
(Genaro, 1992, p. 5).

Ainda de acordo com Genaro (1992), o professor dispõe de um universo bastante amplo de possibilidades de trabalho se considerar uma tipologia textual diversificada. Isto é, textos radiofônicos, televisivos, publicitários, jornalísticos, de quadrinhos ou, ainda, aqueles de uso funcional como os de receitas culinárias, etc.

Portanto, é de grande importância que o professor tenha clareza do seu papel de mediador do conhecimento, pois sua atitude no trabalho com literatura infantil estará influenciando diretamente o aluno na criação de um conceito sobre ela. Isto é, a literatura infantil tanto poderá despertar no aluno

o gosto, o prazer, o hábito quanto despertar a idéia de desprazer, aversão, a recusa, etc.

Então, como trabalhar a literatura infantil de forma agradável e prazerosa para que desperte na criança o gosto pela leitura e adquira o hábito pela mesma?

É imprescindível ao professor pré-escolar a clareza de que a experiência infantil de contato com os livros antecede à idade pré-escolar, portanto, o prazer e o hábito pela leitura deve aflorar nela muito antes do aprender a ler (alfabetizar-se).

Se a formação do hábito da leitura antecede à escola, os pais são figuras importantes nessa empreitada. Entretanto, nós professores, podemos observar no dia-a-dia da sala de aula, que nem sempre eles têm conseguido garantir essa formação.

Diante de tal realidade, *"cabe então ao professor iniciar a criança nas letras e incentivar-lhe o gosto, visando desenvolver o hábito de leitura"* (Aguiar, 1985, p. 86).

Neste processo, as maiores expectativas na formação da criança convergem para o professor tornando imprescindível o seu conhecimento do verdadeiro papel da educação inicial e pré-escolar em especial, que segundo Torres (1995, p. 77)

"... não é o de iniciar formalmente o ensino da leitura e da escrita, mas propiciar um clima afetivo e cognitivo que facilite essa aprendizagem, uma vez que a criança está na escola".

O entendimento dessas concepções dificulta ao professor o mau uso da linguagem e, possibilita-o a trabalhar a *"linguagem como uma totalidade, com suas diversas funções (representação, expressão, comunicação), e suas quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever)"* (Torres, 1995, p. 72).

Ao professor não é suficiente o conhecimento de teorias, mas só terá êxito no desempenho de incentivar o prazer e o hábito de leitura nas crianças se ele mesmo as possuir.

Deve-se também, ter consciência de que a criança jamais se interessou por algo que nunca viu ou por algo que não lhe despertou o interesse. Por isso, quando se almeja trabalhar a literatura infantil com crianças pré-escolares é importante que se crie um ambiente propício.

Há quem responsabilize a infra-estrutura de sua sala ou escola: sala pequena, escassez de material, poucos livros, ausência de TV e vídeo, etc. É preciso, no entanto, que o professor seja criativo e contorne situações como essas e outras tantas que surgirão.

O ideal, para a efetivação dessa proposta, é que o professor crie, dentro de sua sala, um ambiente específico para leitura com tapetes e almofadas, onde os alunos poderão se acomodar para ouvir histórias. Nesse espaço, pode-se também, criar uma mini-biblioteca com livros já existentes na escola, com os doados pelas crianças e pelas editoras. Deve-se adquirir também: gibis, revistas e jornais. Todo esse material deve estar exposto e ao alcance das crianças estimulando-se assim o seu uso diário.

É nesse local, alegre e aconchegante, que o professor reunir-se-á com seus alunos para ler ou contar histórias. É muito importante que ambos estejam sentados no mesmo nível e livres para se acomodarem o mais confortável possível, já que se tornará difícil sentir prazer com a história se as crianças estiverem tensas e contraídas. Isso poderá causar cansaço, mal estar e desprazer.

Essas reuniões devem ser diárias com horários pré-estabelecidos dentro da rotina da sala de aula e com duração de, no mínimo, meia hora. O professor, então, reúne-se com seus alunos, preferencialmente, numa roda para que todos tenham a visão do livro utilizado e lê a história. Ele pode optar por uma lenda, um conto de fadas, ou por uma história da literatura infantil atual. O importante é que o professor tenha consciência de que é o animador da leitura. *"Para isso, deve fazer perguntas e comentários, inventar vozes para cada um dos personagens e montar cenários"* (Silva; Tover; Guimarães; 1998, p. 14).

Além desse horário coletivo, o professor juntamente com seus alunos podem combinar um horário, dentro da rotina da sala de aula, em que as crianças possam optar por dirigir-se livremente para o espaço de leitura e deleitar-se com ela ou optar por outras atividades concomitantes a essa.

O professor pode, também, catalogar todo o material de leitura da mini-biblioteca e organizar empréstimos que devem ter regras pré-combinadas e elaboradas com o grupo, estabelecendo-se inclusive dia de retirada e de devolução.

Nesse momento, é sensato que o professor comunique aos pais sua proposta para que dela participem atuando em casa junto a seus filhos sugerindo que eles precisam ter livros em casa, pois a criança que não tem contato com livros dificilmente irá interessar-se pela leitura, e que também leiam e contem histórias aos seus filhos.

O gosto pela leitura surgirá a partir dos constantes momentos vivenciados com prazer o que consequentemente lhes despertará o hábito de ler. Deve-se ressaltar, no entanto, que o professor nunca poderá cobrar de seu aluno que ele leia ou participe da roda de leitura. *"E, principalmente, jamais faça isso diante dos outros. O trabalho de incentivo à leitura deve ser realizado individualmente e sempre como incentivo, nunca como cobrança"* (Silva; Tover; Guimarães; 1998, p. 15).

É importante que o professor possibilite à criança perceber quando a história não for apenas de imagem, que a história, também, está nas letras, que elas também contam a história e servem para registrar as próprias histórias contadas pelas crianças, seus pensamentos, suas alegrias, suas tristezas e, portanto, serve como registro de memória e meio de comunicação.

A linguagem escrita não é, entretanto, o único meio de comunicação, expressão e representação. Todas elas devem ser apresentadas e trabalhadas sem privilégios. As crianças podem contar ou inventar uma história, modificar seu início, meio ou final utilizando-se da fala, da imagem: desenhando ou através de recortes, dramatizando e o professor poderá também registrá-la através da escrita.

É importante que o professor não restrinja o desenvolvimento dessas habilidades apenas aos trabalhos com literatura infantil, mas o amplie para todo o espaço de sua sala de aula e o concilie como de grande importância para a formação integral do indivíduo.

INTERDISCIPLINARIDADE A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

"O desenvolvimento da sensibilidade através do treino da arte de ouvir, falar, entender e esperar" (Warschaver, 1994, p. 71) é condição básica para a efetivação de um trabalho interdisciplinar que tem como pilar básico o trabalho coletivo e o diálogo.

É, portanto, a partir dos momentos coletivos organizados na sala de aula que se torna possível o desenvolvimento do diálogo entre o grupo, momento em que ambos *"falam, dão suas opiniões, discordam ou concordam sobre qualquer assunto"* (Freire, 1983, p. 20). Desenvolvem relações interpessoais que as levarão a tomar conhecimento do outro. No decorrer desse trabalho, o professor atua como participante e coordenador da conversa. Aquele que problematizando questões que surgem, desafia o grupo a crescer na compreensão dos seus conflitos.

É, no decorrer dos momentos coletivos e de todos os outros vivenciados no decorrer do ano letivo que surgirão as propostas de trabalho às quais serão captadas pelo professor de acordo com o interesse e significância para o grupo. Percebe-se assim que as atividades não surgem do espontaneísmo, mas são devidamente elaboradas, preparadas e devolvidas ao grupo. Então, ao se trabalhar com literatura infantil, a escolha da história, o desenvolvimento de sua proposta, poderá ter tido origem nas indagações, sugestões, questionamentos dos alunos, assim como poderá partir de um interesse ou necessidade do professor em trabalhar determinada obra literária em determinado momento.

Em ambos os casos, porém, apesar do professor ter que levar para a sala, tudo devidamente planejado, na sua efetivação poderão ser introduzidas modificações de acordo com as exigências e/ou necessidades do grupo, por ser o planejamento flexível.

O cuidado a ser tomado é o de não transformar a literatura infantil em mero utilitário para desenvolver conteúdos, a produção e compreensão de textos. Em muitos casos, o professor, com o intuito de trabalhar de forma interdisciplinar e sem a devida compreensão do seu conceito, comete equívocos imperdoáveis que podem refletir negativamente na formação do leitor.

Há professores que escolhem um livro de literatura infantil e a partir dele fazem o seu planejamento. Nesse momento, elaboram questionamentos e atividades totalmente voltadas apenas para o livro em si mesmo e ao final desse trabalho novo livro é escolhido e todo o processo se repete. A escolha dos livros e assuntos a serem desenvolvidos surgem nesses casos, do interesse e necessidade do professor.

Outros professores escolhem o livro de acordo com o que ele precisa desenvolver com seus alunos segundo o seu plano de ensino. Esses, muitas vezes, reclamam da dificuldade de encontrar um livro que se adeque ao tema a ser trabalhado. De posse do livro, faz sua leitura aos alunos e alguns questionamentos referentes ao tema. A seguir passa a desenvolver o tema pretendido com outras atividades soltas. Ao final desse trabalho, acreditado, nem os próprios alunos entendem o porquê daquela história e sua relação com o que o professor trabalhou em seguida.

É bem verdade que o professor pode até utilizar-se da literatura infantil para desenvolver conteúdos do seu plano de ensino, mas não como única finalidade e sim para criar uma situação que desperte o interesse e a curiosidade do aluno para determinado assunto, para enriquecê-lo, complementá-lo, para fazer relações com outros tipos de produção escrita ou obra literária.

Portanto, para se trabalhar um tema como por exemplo as estações do ano: primavera, o professor ao introduzir e desenvolver o conteúdo, não poderá ter a literatura infantil como único suporte, mas deve buscar textos informativos sobre o tema em jornais, livros didáticos, revistas, filmes, obras de arte, convidar especialistas para discutir e ilustrar o tema.

O tema primavera tanto pode ter surgido espontaneamente no grupo quanto o professor ter criado situações que levassem ao surgimento dessa necessidade.

Diante de um novo tema, o professor organiza com o grupo um roteiro do que se pretende conhecer sobre ele e ambos partem em busca da aquisição do material. Estuda-se cada texto buscando informações referentes ao tema e fazendo uma ponte com outros conteúdos já estudados. Faz-se um confronto com os diferentes textos. Quais são suas características? Informar, recrear, ... Quem é seu público alvo? Caso tenha um filme que trate do assunto ou complementê-o, exhiba em classe e promova uma discussão sobre ele; faça a relação desse com as demais produções já estudadas.

No decorrer de todo esse processo, o professor pode proporcionar ao aluno situações que estimulem os seus sentidos, que experimentem diferentes sensações e, ao mesmo tempo, procurando envolvê-los emocionalmente, pois quanto mais estímulo a criança receber, maior facilidade terá para aprender e, conseqüentemente, também para soltar sua imaginação.

Ao final do trabalho, o grupo pode escolher um, ou mais, tipo de produção literária para fazer os registros. Pode, até mesmo, inventar uma brincadeira na qual reconstruam espontaneamente todo o conteúdo aprendido.

O importante nesse processo é que o professor proporcione ao seu aluno um ambiente rico capaz de despertar na criança uma emoção positiva, possibilitando-se assim, um aprendizado de maneira mais eficiente e significativo.

CONCLUSÃO

A preocupação com a formação do leitor, hoje, veiculada em nível nacional, vem expressa atualmente nos referenciais curriculares para educação infantil que propõem aos professores orientações gerais sobre o que deve ser ensinado e aprendido além de representar sugestões de como esse ensino poderia ser desenvolvido.

Com as atuais orientações, seguidas da antiga preocupação, necessidade, tentativas do professor em propor ao seu aluno uma forma de conhecimento mais significativa, a cada dia torna-se mais fácil não cometer equívocos.

É verdade que atualmente já existem muitos professores realizando um trabalho que vise à formação integral do indivíduo, mas, agora, existe efetivamente uma grande preocupação em expandir essa consciência. Portanto, cabe a nós, professores, compactuar com essa proposta, assumi-la com compromisso e disseminá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera T. de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ____ (Org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 86-105.
- COLL, C., PALÁCIOS, J., MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. V.1.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Educação e Comunicação, v. 11).
- GENARO, Ailson de. Diversificando os textos. **A MÃE EDUCAÇÃO**. v. 25, n. 232, p. 5-7, 1992.
- POLÍTICAS de creche: **Projeto infância e criação cultural**. São Paulo: Secretaria Municipal do Bem Estar Social, 1992. (Caderno 2)
- SILVA, Adriana V.; JOVER, Ana, GUIMARÃES, Camila. Viagem da leitura. **Nova Escola**, São Paulo, n. 112, p. 10-8, maio 1998.
- TORRES, Rosa Maria. **Que (e como) é necessário aprender? Necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares**. Campinas, Papirus, 1995.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. Totalidade: fundamentos epistemológicos da interdisciplinaridade. **Revista do Grupo Pitágoras ME**. v. 4, n. 33, p. 56-7, jul/ago, 1997.
- WARSCHEVER, Cecília. Refletindo sobre a interdisciplinaridade. **Ensino em revista**, n. 3, p. 69-73, jan/mar, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.